Educação e mídia na prevenção à violência[1]

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos[2]

Resumo

Esse artigo se apresenta como uma meditação sobre a educação a qual quer reconhecer, na Mídia, uma aliada para transformar informações, em efetivos instrumentos de formação.

A Escola está concebida como instituição que se concretiza na prática social e está perpassada por valores que expressam opções, inclusive, de natureza política. Nesse contexto, pretende-se pensar tarefas para a educação no processo de construção de uma cultura da paz.

Com essa perspectiva, defende-se que não é mais possível ignorar o crescimento da presença dos diferentes Meios de Comunicação, na sociedade, contribuindo para formar opinião, influenciando atitudes, promovendo valores. O intento é compreender as diferentes imagens e mensagens da Mídia, como possibilidade de interação e comunicação, entre as pessoas.

Palavras-chave: educação, mídia, comunicação, violência, cultura da paz.

EDUCATION AND THE MEDIA IN THE PREVENTION OF VIOLENCE

Abstract

This paper can be viewed as a meditation about education wanting to ally itself with the "Media" in order to transform information into effective training instruments.

School is conceived, as an institution that is materialized in social practice and that is permeated with values that express options, including those of a political nature. In this context, the aim is to draw up tasks for education as part of the process of building a culture of peace.

In this perspective, it is taken for granted that it is no longer possible to ignore the increase of the presence of different Means of Communication in society. They contribute to how opinions are formed, attitudes are influenced, and values are promoted. The aim is to understand the different images and messages in the Media, as creating the possibility for interaction and communication among people.

Key Words: Education, Media, Communication, Violence, Peace Culture.

Pedimos que os Meios de Comunicação Social difundam o positivo que existe no mundo, que dêem uma informação objetiva e que nos façam conhecer as situações difíceis dos diversos países para sermos mais solidários. Proíbam as transmissões de imagens violentas, que não respeitam a dignidade do homem ou o valor do seu corpo, parando com a produção de jogos e de desenhos animados que incitam à violência. Proíbam os sites da Internet que podem de qualquer modo prejudicar a nós, adolescentes. (Mensagem dos jovens participantes da 1ª Conferência Juvenil para o Futuro, no Japão, julho de 2000).

Relacionar Educação e Mídia na prevenção à violência não é tarefa das mais fáceis. A reflexão que desenvolvo não tem outro escopo senão o de juntar-me, neste momento imperioso, em que é mister unir todas as forças no combate à violência, que marca, de maneira tão intensa, a nossa sociedade. Trata-se, pois, de uma meditação sobre a educação que quer reconhecer, na Mídia, uma aliada para transformar informações em efetivos instrumentos de formação. Nesse sentido, inspiramo-nos na lembrança propositiva de Paulo Freire, educador e profeta, para organizar o pensamento, movido pelas palavras de sua Pedagogia da Autonomia (1997, p. 115-116)

Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fatura. Sou professor a favor da esperança que anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo,

[1] Palestra proferida no Seminário ***Brasil diz não à violência: a participação da Mídia,*** promovido pela Fundação Joaquim Nabuco, em 19 de abril de 2001.

[2] Professor Titular do Departamento de Filosofia e Decano do Centro de Teologia e Ciências Humanas da UNICAP. Mestre em Filosofia Social pela UFPE e Doutor em Educação pela UNICAMP.

> *descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mais não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar.*

A complexidade dessa temática reside no fato de que a Mídia viu-se execrada publicamente, muitas vezes "*satanizada*", ou seja, tornada a vilã que açoita a inocência das crianças e arranca, dos sonhos pueris, o mais casto amante; que espalha sexo, sangue e violência em imagens que se espraiam em todos os rincões de uma nação, como a nossa, de proporções continentais. Imagens que residem no chão da vida, mas – dizem – vistas no *telão*, ou na *telinha*, produzem efeitos colaterais funestos para todos e cada um. Mídia que introjeta *pseudovalores*, que antecipa o precoce aflorar da sensualidade em pré-adolescente, que expõe jovens ao vício e incita, sublinarmente, à criminalidade. Irremediavelmente, Educação e Mídia são pontos dissonantes, na confusa partitura da existência humana.

Por seu turno, à Escola foi atribuída função de reprodução do estonteante *apartheid* social, amplificadora dos ditames ideológicos dos detentores do poder, aparelho para o aplainamento das individualidades. Criticada por praticar a exclusão, ensinar o comodismo, preparar os senhores para o exercício do mando e os demais para a servil obediência.

Educação e Mídia, entretanto, não são seres espirituais, não estão nos ares e não acontecem ao acaso. Concretizam-se, na prática social - em instituições produzidas pela dinâmica humana - e estão perpassados por valores e expressam opções, inclusive, de natureza política.

Estamos nos albores de um século que anuncia a violência sob todas as formas, com um dos piores legados que a humanidade pode fazer transmitir às gerações futuras. Urge repensar os fundamentos de nossa sociedade que geme de dor e agonia ante a gritante exclusão social, patrocinada, em grande parte, pela escandalosa concentração de rendas. Necessário lutar para devolver a esperança que se constrói, sob a égide da justiça, condição da paz. Criar uma cultura de paz que desponte, concretamente, de políticas que enfatizam o vivente e o humano, que priorizem o social, de forma eficiente e efetiva, que globalize a justiça e a paz e garantam, como possível, não somente o pão, fruto do trabalho honesto, mas, sobretudo, a vida digna.

Nesse contexto, caberia pensar tarefas para a educação, no processo de construção de uma cultura da paz que combate a violência. Pensá-la como uma relação amorosa, que consiste, ao nosso ver, primeiramente, numa postura de respeito pela pessoa do outro e de busca de diálogo construtivo em que as pessoas interagem, sem a condição de abdicarem, acriticamente, de seus pontos de vista. Recorremos a Freire (1967, p. 107), que, enquanto propagador de uma educação, vista como uma relação horizontal, afirma

> *nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação*

Concebemos, então, a educação como tarefa para toda a vida. Compreendemos que não há um *locus* exclusivo para o desenvolvimento de relações educativas, mas a vida toda é uma grande escola. Assim, são educativas todas as relações que estabelecemos, enquanto seres que estamos buscando nos construir, numa dinâmica constante de produção de sentidos. A escola, a família, a Igreja, a praia, o clube... onde existir relação humana, haverá educação. Educação como relação face a face, como liberdade para indagar e direito à construção da resposta, como processo de constante maturar.

Os quatro pilares da educação, apresentados no Relatório para a UNESCO (1998, p. 89-101), trazem elementos que corroboram com a presente reflexão. O documento nos diz que a educação

> *deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento:* ***aprender a conhecer,*** *isto é adquirir os instrumentos da compreensão;* ***aprender a fazer,*** *para poder agir sobre o meio envolvente;* ***aprender a viver juntos,*** *a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente,* ***aprender a ser,*** *via essencial que integra as três precedentes. (1998, p. 90)*

Para os especialistas que redigiram o Relatório, a escola é o âmbito próprio em que acontece a primeira das aprendizagens. Observe-se, contudo, que é para a última das tarefas propostas – ***aprender a ser*** – que convergem todas as demais. Somos da convicção de que a construção do ser – que, no caso do homem e da mulher, implica sua humanização, concomitante à humanização do mundo – é o norte que mobiliza a vida de cada um. Do ponto de vista existencial, nunca somos, plenamente: estamos sendo. Sendo, construímo-nos, caminhamos para a grande e inesgotável síntese. Decerto que isso não se aprende na escola. Não há lições acabadas, nem fórmulas mensuráveis. Não se é mais ou menos ser. Estaria, então, a escola isenta dessa tarefa? Sendo ela "*transmissora de conhecimentos*" – em nosso conceito, ela não está reduzida a essa tarefa – estaria, então, liberada da missão de formar para a vida? Em nosso juízo, dado que acreditamos ensinar mais pelo que somos e fazemos do que mediante o nosso pronunciar, ela, também, é educadora, nesse aspecto.

Como pensarmos instituições educacionais que trabalham, preventivamente, com a Mídia para a criação de uma cultura de paz se também elas são violentadas e, algumas vezes, promovem violência? Queremos pensar instituições que portam limitações humanas, mas, pela sua missão, tendem a acompanhar o próprio desenvolvimento do ser no seu constante tornar-se pessoa. Pensamos escolas onde trabalham homens e mulheres, igualmente, influenciados pela Mídia, apaixonados pelos folhetins televisivos, emocionados com os destinos de seus ídolos, exaltados pelas últimas notícias. O diferencial, talvez, seja a possibilidade que nos é dada de fazermos a crítica do que nos é apresentado. De valorarmos, eticamente, balizando imagens e mensagem. Entretanto devemos considerar a Escola com um *locus* onde existe gente... Gente simples: que sofre, que batalha, que luta, que acredita, que descrê, que tem esperança, que se entregou ao desespero... Toda essa elucubração é para colocar que é aí onde a educação acontece: no encontro entre as pessoas. Não que isso seja um privilégio da escola, senão que, doravante, escolhemos a escola para ocupar o lugar de nossa fala.

A Mídia produz informação e segue a lógica do mercado. Independente de nosso juízo de valor, faz circular mercadorias usufruindo do livre direito de vender e acumular. Faz parte da lógica sistêmica do modo de organização do capital. Esse, sim, gera violências estruturais e lança seus braços sobre diferentes recursos mediáticos, para que espalhem sedução e promovam juízos. Sim, porque, *"a priori"* as Mídias são verdadeiras maravilhas tecnológicas, porém manipuladas pelas mãos dos *senhores de negócios*, que fizeram delas caríssimas mercadoria de diversão, informação e influência política, mediante a manipulação da opinião pública. Contudo não só de circo vivem os homens, os romanos bem o sabiam. Como enfrentar essa lógica perversa que parece visar a inibir a criticidade, a criatividade, a lucidez para discernir entre a informação e o julgamento, a imagem e a realidade?

Contraditoriamente, a Mídia encerra violência e não-violência. Programas e canais educativos afloram como alternativas à sua utilização como meio de formação e promoção de uma cultura de paz. Outro fator a considerar é que suas mensagens e imagens são oferecidas, num contexto multicultural, em que os diferentes receptores podem relativizá-las, na forma como recebem, ou não recebem, ao recebê-la. Não seria essa uma posição razoável que nós, educadores e educadoras, poderíamos explorar?

Prevenir quer dizer chegar antes. Significa, também, fazer-se presença operante, antecipar-se. Nesse horizonte, são infinitamente pequenas as chances da escola e da própria Mídia ante a violência institucionalizada. Porém, se pensarmos que lidamos com crianças, jovens e adolescentes, privilegiadamente; se considerarmos que contribuímos para formar opinião; que defendemos bandeiras; que disseminamos cultura; então haverá alguma possibilidade para atuarmos preventivamente. Entretanto, sem a ilusão de acharmos que sozinhos encontraremos a solução.

Os educadores e as agências educacionais, particularmente, a escola, precisamos aprender a linguagem da Mídia, deixar de lado nossos preconceitos e trabalhar de forma transparente a imagem, as diferentes linguagens, a informação. Não é mais possível ignorar o crescimento da presença dos diferentes meios de comunicação na sociedade, contribuindo para formar opinião, influenciando atitudes, promovendo *valores*. Na verdade, a Mídia tornou-se uma força social e política de tão grandes proporções que os Estados houveram por bem abarcá-la, como monopólio seu. No entanto, nem sempre sua regulamentação vem em socorro dos direitos da cidadania, dos valores da ética, de salvaguardar a dignidade do ser humano.

No contexto das preocupações que nos mobilizam, cabe indagar: como a Escola pode ser aliada nessa campanha do Brasil, que quer dizer não à violência? A colocação desse questionamento traz, como pressuposto, que o foco é o ser humano e não a Mídia, não a tecnologia. É o ser humano e não o conhecimento sobre a Mídia, mas a efetivação da cidadania, a ampliação da faculdade de fazer escolhas. O intento é compreender as diferentes imagens e mensagens da Mídia, como possibilidade de interação e comunicação entre as pessoas.

Absolutamente desprovido de receituário e considerando que quaisquer que sejam as proposições não são mágicas nem surtem efeito sozinhas, porém, como exercício de participação num esforço conjuntural, parece que a escola pode desenvolver atividades, como:

1. *criação de um fórum permanente de ética entre seu alunos para refletir, sistematicamente, sobre valores e princípios que afloram de programas televisivos;*
2. *promoção de Concursos internos de trabalhos monográficos cuja temática gire em torno da questão da violência e mídia;*
3. *realização de debates com jornalistas e editores para discutir o processo de construção e socialização da informação;*
4. *elaboração de pesquisas na imprensa escrita e falada com grupos de estudantes visando a identificar até que ponto vai o profissionalismo e em que momento o profissional assumiu a postura do doutor, padre ou policial;*
5. *organização de jornais laboratório que denunciem a violência na escola, no seu entorno, nos bairros em que habitam os alunos etc.*
6. *inclusão, nos Planejamentos Didáticos, de visitas a órgãos de comunicação como forma de dar a conhecer os mecanismos de produção da informação;*
7. *efetivação de uma prática interdisciplinar que considere a ética como pressuposto indispensável mediante estudos e debates, experiências de vivências de participação no interior da Comunidade Educativa, estímulo à formação espontânea de grupos de interesse etc;*
8. *fixação do Mural de Cultura da Paz onde se divulguem, internamente, gestos de cooperação e solidariedade;*
9. *realização de campanhas de solidariedade, visitas a orfanatos, hospitais, presídios e outras instituições, desde que garantidas as condições necessárias de segurança;*
10. *realização, em âmbito de rede, do Festival da Cultura da Paz, em que sejam criados espaços para que os estudantes apresentem encenações, músicas, jograis; possam participar de palestras e debates etc, com o apoio das Instituições de Ensino Superior.*

Conforme assinalamos, não se trata de receitas, nem há a pretensão de ter apresentado a última palavra na prevenção contra a violência. Até porque a melhor prevenção é o emprego, a moradia, a saúde, o justo salário etc. Entretanto,

mesmo sabendo que isolada, cada iniciativa dessas elencadas é, apenas, um pequeno paliativo. Acreditamos que é na união de todos que haveremos de encontrar respostas para os problemas que nos afligem. Está na hora de marcharmos para vencer a guerrilha urbana, o risco em que se tornou nossa vida na cidade, a morte ambulante que massacra, cada vez mais, nossos pobres e nossos jovens. Dizer sim à vida e à esperança. Acreditar que a vida vale muito mais e pode ser muito melhor, se a justiça for promotora da paz e esta propulsora de vida em abundância.

Finalmente, é desejável que as Escolas promovam programas que desenvolvam uma educação para a paz. Vamos dialogar com a Mídia de forma efetiva e eficiente, vamos desmistificar seu poder de fogo que, parece, constrói sólidas bases culturais para a disseminação de uma cultura de violência e morte. Utilizemos suas imagens e diferentes linguagens como aliadas à construção de uma cultura que enfatize o bom e o belo, que faça acreditar na vida, que coloque, em evidência, que somos, eternamente, aprendizes e construtores de nós mesmos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

UNESCO. **Educação:** um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC, 1998. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI.